As eleições presidenciais portuguesas de 2026 marcaram um ponto de inflexão na democracia contemporânea do país, pois pela segunda vez desde o início da Terceira República foi necessária uma segunda volta para eleger o Presidente da República, repetindo um fenómeno que apenas tinha ocorrido quarenta anos antes, em 1986 (Wikipedia, 2026; Wikipedia, 1986). Esta coincidência histórica proporciona uma oportunidade singular para analisar as continuidades e ruturas no comportamento eleitoral, nas dinâmicas partidárias e nas expectativas sociais em torno do cargo presidencial, cujo papel, embora maioritariamente cerimonial, possui poderes significativos em situações de crise política.

Em 18 de janeiro de 2026, na primeira volta da eleição presidencial, António José Seguro, candidato apoiado pelo Partido Socialista (PS), liderou com cerca de 31.1% dos votos, seguido por André Ventura, líder do partido populista de direita Chega, com aproximadamente 23.5%, forçando assim a realização de um segundo turno em 8 de fevereiro (Le Monde, 2026; Anadolu Ajansı, 2026). Ao contrário do que se viu em eleições recentes, como a de 2021, em que Marcelo Rebelo de Sousa foi reeleito com uma maioria folgada na primeira ronda, em 2026 nenhum candidato alcançou a maioria absoluta necessária para evitar a passagem à segunda volta (Atrevia, 2026). A dispersão de votos entre múltiplos candidatos, incluindo João Cotrim de Figueiredo, da Iniciativa Liberal, e figuras independentes como Henrique Gouveia e Melo, revelou um eleitorado fragmentado, incomodado com as opções tradicionais e atraído por novas propostas ideológicas e de liderança (Le Monde, 2026).

O cenário de 2026 contrasta com a situação política de 1986, a única outra eleição presidencial portuguesa que exigiu uma segunda volta desde a transição democrática iniciada em 1974 (Wikipedia, 1986). Naquele ano, a primeira volta realizada a 26 de janeiro não produziu um vencedor claro: Diogo Freitas do Amaral, apoiado por partidos de centro-direita, liderou com cerca de 46.3% dos votos, enquanto Mário Soares, fundador do PS e ex-primeiro-ministro, ficou em segundo com aproximadamente 25.4%, seguido por outros candidatos de esquerda que dividiram o eleitorado progressista (Wikipedia, 1986; Diário de Notícias, 2016). Esta fragmentação inicial abriu espaço para uma segunda volta a 16 de fevereiro de 1986, na qual Soares, com o apoio dos outros candidatos de esquerda retirados, conseguiu inverter a desvantagem inicial e obter cerca de 51,2% dos votos contra 48,8% de Freitas do Amaral, numa das vitórias mais estreitas na história democrática portuguesa (Wikipedia, 1986; DN, 2016). A vitória de Soares não só consolidou a presença socialista na

Presidência da República, mas também simbolizou um momento de consolidação institucional da jovem democracia portuguesa, numa altura em que o país enfrentava tensões sociais e desafios de estabilização pós-revolucionária.

Embora distantes no tempo e no contexto político, as eleições de 1986 e de 2026 guardam algumas semelhanças estruturais importantes. Em ambas as ocasiões, o resultado da primeira volta evidenciou um eleitorado fragmentado, incapaz de concentrar uma maioria sólida em torno de um único candidato ou projeto político. Esta dispersão refletiu, em ambos os momentos, divisões sociais e políticas profundas: em 1986, entre projetos de modernização liberal e propostas socialistas numa sociedade ainda a consolidar os valores democráticos, e em 2026, entre um centro-esquerda tradicional e forças populistas de direita reforçadas por discursos nacionalistas e críticas ao establishment político (Atrevia, 2026; Atlantic Council, 2026).

No entanto, as diferenças entre os dois momentos são igualmente reveladoras das transformações políticas e sociais que o país atravessou. A eleição de 1986 ocorreu numa fase em que a democracia portuguesa ainda procurava firmar estabilidade institucional, consolidar o pluralismo partidário e reforçar a confiança pública nas novas estruturas políticas pós-ditadura. A vitória de Soares, após uma recuperação inesperada entre as duas voltas, foi interpretada como um sinal de maturação democrática, capaz de incorporar a diversidade de opinião e de legitimar um presidente que se apresentava como figura de união nacional (Wikipedia, 1986; RTP, 2021). Em 2026, por sua vez, o contexto é outro: a democracia consolidou-se ao longo de décadas, mas enfrenta agora novos desafios de polarização entre uma esquerda social-democrata moderada e uma direita populista em ascensão, refletindo tendências observadas em outras democracias europeias onde partidos de extrema direita têm ganho espaço significativo no discurso público e no apoio eleitoral (Atlantic Council, 2026; Anadolu Ajansı, 2026).

A entrada de André Ventura na segunda volta de 2026 representa um fenómeno sem precedentes no pós-ditadura portuguesa: pela primeira vez, um candidato associado a um partido com ideologia populista de direita alcançou um resultado tão expressivo em eleições presidenciais (Anadolu Ajansı, 2026). Esse fato sugere não apenas uma fragmentação do voto tradicional, mas também uma transformação nas prioridades de uma parte do eleitorado, que pode estar mais sensível a mensagens de crítica às elites políticas, ceticismo em relação a instituições estabelecidas e preocupação com questões de identidade e

soberania. Comparativamente, em 1986, embora houvesse disputas claras entre projetos ideológicos (liberal versus socialista), o espectro político não incluía forças populistas radicais semelhantes às observadas em 2026, nem um debate tão fortemente centrado em narrativas identitárias como se vê hoje.

O papel das alianças políticas também difere nos dois casos. Em 1986, a retirada dos candidatos de esquerda e o subsequente apoio a Mário Soares foram determinantes para sua vitória na segunda volta, o que evidencia como a coordenação e coesão entre grupos políticos podem influenciar de maneira decisiva os resultados eleitorais (Wikipedia, 1986; ECO, 2026). Já em 2026, tanto o PSD (partido social-democrata tradicional) quanto lideranças centristas ou liberais optaram por não endossar formalmente nenhum dos finalistas, Seguro ou Ventura, indicando um relativismo tático e uma hesitação em alinhar completamente com opções polarizadas, o que pode dificultar a formação de maiorias claras na segunda volta (Le Monde, 2026). Esta ausência de diretrizes partidarizadas pode aumentar a volatilidade do eleitorado na decisão final, demonstrando que a negociação política passa por outro tipo de dinâmica do que aquela observada em 1986.

Outra diferença substancial entre as duas eleições é o contexto social e mediático em que elas ocorreram. Em 1986, o espaço mediático era dominado por meios tradicionais de comunicação de massa, com menor fragmentação informacional. Em 2026, pela primeira vez na história democrática portuguesa, o ambiente político é fortemente influenciado por redes sociais digitais, grande quantidade de fontes de informação e desafios relacionados à desinformação e bolhas informativas. Esta realidade contemporânea pode contribuir para uma polarização mais acentuada das perceções públicas, reforçando identidades e opiniões já pré-existentes, ao invés de promover consensos ou convergência em torno de lideranças centristas.

A comparação entre 1986 e 2026 também suscita reflexões sobre a evolução do papel institucional do Presidente da República. Em 1986, a eleição de um presidente civil, Mário Soares, foi o primeiro presidente civil desde o início do século XX, tinha um significado profundo para a afirmação de um regime democrático consolidado (Wikipedia, 1986). Em 2026, a importância do cargo permanece relevante apesar da função ser maioritariamente cerimonial: o presidente continua a ter prerrogativas que podem influenciar profundamente ciclos políticos em tempos de crise, tais como a capacidade de dissolver o Parlamento ou vetar leis, o que confere à eleição um caráter de avaliação do rumo político nacional

(Anadolu Ajansı, 2026).

Em conclusão, ao cruzar os resultados eleitorais e contextos de 1986 e 2026, emergem tanto paralelismos quanto diferenças que iluminam a evolução da democracia portuguesa. Ambos os episódios de segunda volta refletem momentos de fragmentação política, mas representam desafios distintos em termos de coesão social e institucional. Enquanto 1986 simbolizou um passo decisivo na consolidação democrática, a eleição de 2026 aponta para uma democracia madura confrontada com novas formas de polarização, volatilidade eleitoral e emergência de forças populistas. A análise comparativa destes dois momentos históricos reforça a necessidade de compreender as eleições não apenas como mecanismos de escolha de líderes, mas como espelhos das tensões sociais, económicas e culturais que moldam o percurso político de uma nação.

Referências Bibliográficas

Anadolu Ajansı. (2026, 19 de janeiro). *Portugal's presidential elections go to runoff between Seguro and Ventura*. https://www.aa.com.tr

Atlantic Council. (2026, 20 de janeiro). *Portugal's 2026 election: What the rise of Ventura tells us about Europe's political future*. https://www.atlanticcouncil.org

Atrevia. (2026). *Eleições presidenciais portuguesas 2026: Análise da primeira volta*. https://www.atrevia.com/pt

Diário de Notícias. (2016, 16 de fevereiro). *Faz hoje 30 anos: Mário Soares foi eleito Presidente da República*. https://www.dn.pt

ECO. (2026, janeiro). *Segunda volta sem apoio oficial do PSD: Ventura e Seguro buscam votos ao centro*. https://eco.sapo.pt

Le Monde. (2026, 19 de janeiro). *Portugal: Le socialiste António José Seguro en tête de la présidentielle, un second tour face à Ventura*. https://www.lemonde.fr

RTP – Rádio e Televisão de Portugal. (2021). *Eleições presidenciais em Portugal: Histórico e evolução*. https://www.rtp.pt

Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna – Administração Eleitoral. (2026). *Resultados oficiais da 1.ª volta das eleições presidenciais 2026*. https://www.portugal.gov.pt

The Guardian. (2026, 18 de janeiro). *Portugal votes in tight presidential race with far right poised to reach runoff*. https://www.theguardian.com

Wikipedia. (2026). *2026 Portuguese presidential election*. https://en.wikipedia.org/wiki/2026_Portuguese_presidential_election

Wikipedia. (1986). *Eleições presidenciais portuguesas de 1986*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_presidenciais_portuguesas_de_1986